

NOITES EGÍPCIAS¹

Capítulo 1

- *Quel est cet homme?*
- *Ha c'est un bien grand talent, il fait de sa voix tout ce qu'il veut.*
- *Il devrait bien, madame, s'en faire une culotte.*²

Tchárski era um petersburguense de gema. Ainda não fizera os trinta; não era casado; não lhe pesava o fardo do serviço. O defunto tio, vice-governador nos bons velhos tempos, deixara-lhe uma fortuna razoável. Poderia ser bem agradável a sua vida, mas tinha o infortúnio de escrever e publicar poesias. Chamavam-lhe poeta nos jornais, escrevedor nos quartos dos lacaios.

Apesar dos grandes privilégios de que gozam os poetas (na verdade, além do direito de trocarem o genitivo pelo acusativo e de mais algumas liberdades ditas poéticas, não conhecemos aos poetas russos outros privilégios), apesar, portanto, de todo o género de privilégios, essa gente está sujeita a grandes males e desvantagens. O mais amargo, o mais insuportável dos males do poeta é o título e cognome que carrega como uma marca do ferro e de que nunca se livrará. O público considera-o propriedade sua; na opinião do público, nasceu para o *seu bem e prazer*. Volta da aldeia o poeta, pergunta-lhe o primeiro que

encontra: não nos trouxe alguma coisinha fresca? Fica pensativo o poeta, preocupado com o desgoverno da sua propriedade, ou com a doença de um ente querido, e logo um sorriso vulgar acompanha a vulgar exclamação: está decerto a compor qualquer coisa? Apaixona-se o poeta, e logo a beldade compra um álbum na Loja Inglesa e espera dele uma elegia. Vai o poeta a casa de um senhor, um quase desconhecido, para lhe falar de um assunto importante, e logo o senhor chama o filhote e manda-o recitar os poemas de um tal... e o garoto serve ao poeta, desfiguradas, as suas poesias. Mas este é ainda o mal menor do ofício! O que não serão, então, os verdadeiros desgostos? Tchárski confessava estar tão farto de cumprimentos, pedidos, álbuns e garotos que, a cada instante, se via obrigado a conter-se para não ser malcriado.

Tchárski recorria a manobras várias para sacudir de si o cognome importuno. Evitava o convívio com os confrades literatos e preferia-lhes a gente mundana da sociedade, por mais vazia que fosse. O seu discurso era dos mais vulgares e nunca aflorava a literatura. No traje, com a timidez e a superstição de um qualquer jovem moscovita pela primeira vez em Petersburgo, seguia sempre a última moda. No seu gabinete, arranjado como o quarto de dormir de uma senhora, nada lembrava o escritor; os livros não estavam espalhados por cima nem por baixo das mesas; o divã não estava salpicado de tinta; não se notava nele a desordem que revela a presença da Musa e a ausência da vassoura e da esfregona. Era um desespero para Tchárski ser apanhado por algum amigo da sociedade com a pena na mão. Custa a acreditar até que mesquinhez podia chegar um homem, dotado sem dúvida de talento e alma. Ora se fingia, então, amador apaixonado de cavalos, ora jogador inveterado, ora o mais fino dos gastrónomos — embora nunca chegasse a distinguir a raça montanhesa da árabe, nunca se lembrasse dos trunfos e, no fun-

do, preferisse as batatas assadas na brasa a todas as invenções da cozinha francesa. Levava uma vida de dissipação; marcava presença em todos os bailes, empanturrava-se em todos os banquetes diplomáticos e, em qualquer serão, era um convidado tão infalível como o gelado da pastelaria de Rezánov.

Contudo, era poeta, a sua paixão era irremediável: quando o dominava essa *porcaria* (assim chamava ele à inspiração), Tchárski fechava-se no gabinete e escrevia de manhã até altas horas da noite. Confessava aos íntimos que só então conhecia a verdadeira felicidade. Passava o restante do seu tempo a requebrar-se e a fazer a parte, ouvindo, volta e meia, a querida pergunta: o senhor não terá escrito alguma coisinha fresca?

Uma bela manhã, Tchárski sentia aquele bem-aventurado estado de ânimo em que os sonhos se delineiam claramente diante dos nossos olhos e agarramos as palavras vivas e inesperadas com que damos corpo às nossas visões, em que os versos nos saem fluentes da pena e as rimas sonoras correm ao encontro do pensamento harmonioso. Tchárski mergulhara de corpo e alma no seu doce esquecimento... e o mundo, as mundanas opiniões, os seus próprios caprichos não existiam para ele. Versejava.

De repente, a porta do gabinete rangeu e uma cabeça de desconhecido espreitou por ela. Tchárski estremeceu, carregou o sobrolho.

— Quem é? — perguntou com desgosto, amaldiçoando no seu íntimo os criados, que nunca estavam no vestibulo.

O desconhecido entrou.

Era alto, magro, aparentava uns trinta anos. Muito expressivos os traços do seu rosto moreno: a fronte alta e pálida coroadada de madeixas negras, os olhos pretos, brilhantes, o nariz aquilino, uma barba espessa contornando-lhe as faces cavadas de um amarelo baço traíam nele o

estrangeiro. Casaca preta, desbotada nas costuras, calças de Verão (e já o Outono se tinha arraigado); sob a gravata preta coçada, num peitilho amarelado, brilhava-lhe um diamante falso; o chapéu dava aquela impressão rude de já ter passado por ele o sol e a intempérie. Se encontrássemos este homem na floresta tomá-lo-íamos por um bandido; na sociedade, por um conspirador político; no vestíbulo da nossa casa, por um charlatão vendedor de elixires e arsénico.

— O que deseja? — perguntou-lhe Tchárski em francês.

— *Signor* — respondeu o estrangeiro com vébias profundas. — *Lei voglia perdonarmi se...*

Tchárski não lhe ofereceu uma cadeira e, levantando-se também, continuou a conversa em italiano.

— Sou um artista napolitano — dizia o desconhecido —, as circunstâncias obrigaram-me a abandonar a pátria; vim para a Rússia depositando esperanças no meu talento.

Tchárski julgou que o napolitano pretendia dar concertos de violoncelo e andava de porta em porta a distribuir entradas. Já pensava em dar-lhe vinte e cinco rublos para se livrar dele, mas o desconhecido acrescentou:

— Espero, *Signor*, que dará um apoio amigável a este seu confrade, que me introduzirá nas casas a que tem acesso.

Para Tchárski, insulto mais sensível do que aquele não podia haver. Olhou com arrogância para o homem que se atrevia a tratá-lo por confrade.

— Desculpe, mas quem é o senhor e por quem me toma? — interpelou-o, contendo a custo a indignação.

O napolitano reparou no seu desagrado.

— *Signor...* — retorquiu, titubeante —, *ho creduto... ho sentito... la vostra Eccellenza mi perdonera...*

— Afinal, o que deseja o senhor? — disse Tchárski secamente.

— Ouvi falar muito do seu talento maravilhoso; tenho a certeza de que os senhores daqui se consideram honrados por protegerem tão excelente poeta — respondeu o italiano —, por isso ousei fazer-lhe esta visita...

— Está enganado, *Signor* — interrompeu-o Tchárski. — Entre nós não existe o título de poeta. Os nossos poetas não gozam da protecção dos senhores; os nossos poetas são, eles próprios, senhores, e se os nossos mecenas (para o diabo que os carregue!) não o sabem, o mal é deles. Não temos por cá abades esfarrapados que um músico possa ir buscar à rua para lhe comporem um *libretto*. Os nossos poetas não andam de porta em porta mendigando o subsídio. De resto, alguém deve ter brincado consigo quando lhe disse que eu era um grande poeta. É verdade que, em tempos, rabisquei alguns epigramas fracos, mas, graças a Deus, não tenho nada em comum, nem quero ter, com os senhores poetas.

O pobre italiano embarçou-se. Olhou à sua volta. Telas, estátuas de mármore, bronzes, bugigangas caras nas estantes góticas impressionaram-no. Percebeu que entre ele, pobre artista nómada de gravata coçada e casaca no fio, e o *dandy* altivo, de barrete topetudo de brocado, de roupão chinês dourado cingido com um xaile turco, nada havia de comum. Murmurou umas desconexas palavras de desculpa e, com uma vénia, fez tenção de sair. Tchárski comoveu-se com aquele ar humilde, pois, apesar da mesquinhez do seu carácter, tinha um coração nobre e bondoso. Sentiu vergonha por aquele seu irritadiço amor-próprio.

— Aonde vai? — disse ao italiano. — Espere... Eu tinha de declinar um título que não mereço e confessar-lhe que não sou poeta. Falemos agora dos seus assuntos. Estou pronto a ajudá-lo na medida do possível. O senhor é músico?

— Não, *Eccellenza!* — respondeu o italiano. — Sou um pobre improvisador.